



PÓ DE PALCO

TEATRO VIRIATO RETOMA PROGRAMAÇÃO COM A FABULOSA ENCENAÇÃO DE "AS LEIS FUNDAMENTAIS DA ESTUPIDEZ HUMANA"

O programa de Setembro a Dezembro de 2023 do Teatro Viriato promete salas cheias e a continuidade da qualidade do serviço público de um teatro municipal atento à necessidade de construir e alargar públicos, democratizando o acesso às artes do espectáculo. Começou, no dia 9 de Setembro, com "Tatabitato", uma já reconhecida oficina de música destinada a famílias com bebés e crianças, de Ana Bento, Bruno Pinto e a participação especial de Úrsula Pinto. "A música como um encontro e instrumento de construção de felicidade para a vida". Terá mais sessões mensais a 14/10/23, 4/11/23 e 16/12/23.

O palco iluminou-se, no dia 16 de Setembro, com uma peça de teatro improvável: "As Leis Fundamentais da Estupidez Humana", de Carlo M. Cipolla, com dramaturgia (apoiada por Miguel Graça) e encenação de João de Brito, que também interpreta, ao lado de Noiserv e Vítor Ferreira.

Disse "improvável" porque a obra homónima de Cipolla, que foi best-seller internacional, não fazia prever que alguém, algum dia, se atreveria a trabalhar dramaturgicamente um texto que embora breve (lê-se em duas ou três horas) e divertido (a tardia tradução do original inglês, em italiano, junto com mais dois ensaios do autor, intitulava-se "Allegro ma non troppo"), tem, por debaixo da ironia fina, uma certa densidade, própria de um ensaio de um professor de história económica que pretende satirizar um sistema político-económico que considera pouco racional e, até mesmo, estúpido.

O livro foi publicado pela primeira vez em 1976, mas hoje, perante a corrida vertiginosa para o abismo de um sistema capitalista, selvagem por natureza, que domina o mundo (quer nas mãos de privados, quer de Estados), e faz orelhas moucas aos constantes alertas dos cientistas sobre o aquecimento global, às denúncias do secretário-geral da ONU, Guterres, de já termos chegado ao ponto de não retorno, em muitas áreas, da perda de biodiversidade à progressão dos trágicos fenómenos climáticos extremos, e de que os governantes das principais potências andam a mentir aos respectivos povos, dizendo uma coisa e fazendo o oposto, isto é, sabotando e retrocedendo nas medidas aprovadas



Foto de Carlos Fernandes

em várias cimeiras sobre o clima e o ambiente, como a descarbonização energética, o mínimo que podemos dizer sobre aqueles é que são criminosos e estúpidos.

Segundo Cipolla, são 5 As leis fundamentais da estupidez humana (um papelinho com estas leis foi distribuído pelos espectadores à entrada na sala):

1.Toda a gente subestima sempre o número de indivíduos estúpidos em circulação." "Aparecem inesperadamente, nos locais mais inconvenientes" e até "pessoas que julgáramos outrora racionais e inteligentes se revelam descaradamente estúpidas."

2.A probabilidade de uma certa pessoa ser estúpida é independente de qualquer outra característica dessa pessoa." "A estupidez é um privilégio indiscriminado de todos os grupos humanos e é uniformemente distribuída de acordo com uma proporção constante," tanto em grupos grandes como pequenos, em povos desenvolvidos ou subdesenvolvidos, entre professores e alunos, e não é determinada por factores culturais ou educacionais, mas pela natureza ou pela genética, como os grupos sanguíneos. Até "uma fracção dos laureados com o prémio Nobel é estúpida." Eu acrescentaria: até um Presidente da República, professor catedrático, pode cair na estupidez de fazer comentários brejeiros e moralistas, à Diácono Remédios, podendo ofender outras pessoas e até prejudicar a sua imagem mais afável, provando a seguinte "Lei de

Ouro":

3 "Uma pessoa estúpida é aquela que causa danos a outra pessoa ou grupo de pessoas sem que disso retire alguma vantagem, podendo até sofrer algum prejuízo."

É aqui que Cipolla define as quatro categorias fundamentais em que encaixam os humanos: os tansos, traduzidos, no livro, por desamparados, (cujas acções resultam em perdas para eles e ganhos para os outros); os bandidos (agem em seu benefício, prejudicando outros); os inteligentes (agem em benefício próprio e dos outros); os estúpidos (prejudicam os outros e a si próprios). A partir de aqui, o autor segue numa análise mais fina e, usando gráficos de contabilidade, tipo cruz de Deve e Haver, ou Perdas e Ganhos (a peça apenas usa um gráfico para não confundir os espectadores), elenca várias subespécies: bandidos "perfeitos", os que causam aos outros perdas iguais aos seus próprios ganhos. Estes são mais escassos do que os bandidos que rogam a estupidez pura, "cujas acções lhes rendem ganhos inferiores às perdas infligidas aos outros". Dá como exemplo os generais que provocam enormes destruições e vítimas a troco de uma promoção ou de uma medalha. Há ainda os "superestúpidos", potenciados pela posição de poder, frequentes entre "burocratas, generais, políticos e chefes de Estado" [eu não disse?..] e dignitários religiosos". Estes últimos estão a perder poder a favor da democracia com o seu "instrumento mais eficaz

para garantir a manutenção constante da fracção de estupidez entre os poderosos", as eleições, que "lhes oferecem [aos estúpidos, que, pela Segunda Lei fundamental, são a maioria dos votantes] a magnífica oportunidade de prejudicar todos os demais sem ganhar nada com a sua acção." Prova-o, digo eu, a eleição de Hitler, Trump, Bolsonaro, entre outros.

As pessoas não estúpidas subestimam sempre o poder destrutivo das pessoas estúpidas." "Ao longo dos séculos e dos milénios essa falha causou perdas incalculáveis à humanidade."

Uma pessoa estúpida é o tipo de pessoa mais perigosa que existe."

O corolário da Lei é que "Uma pessoa estúpida é mais perigosa do que um bandido."

Este resumo não permite mostrar a total subtilidade do texto que a criativa encenação de João de Brito conseguiu tornar mais fluido, ao transportar o que poderia ser um monólogo algo monocórdico para o espaço de um talho, em que o talhante (ele próprio) fala com o ajudante (o músico Noiserv) que, através de sensores, produz vários sons de adereços (telefone, caixa registadora, busina, trovões, etc.) que vai manipulando, enquanto o outro funcionário (Vítor Ferreira), num extremo do palco, vai desenhando e pintando, através de um iPad Pro com aplicativo, no preto do balcão e do telão no fundo do palco, portas, janelas, peças de carne, presuntos e chouriços pendurados e animados. Surpreendente foi também a utilização de um dispensador de senhas em frente do palco, senhas que alguns espectadores foram convidados previamente a tirar, sendo, ao longo da peça, chamados pelo número de ordem que aparecia no ecrã luminoso, diziam o nome ou eram tratados como clientes habituais, com quem o talhante ia dialogando enquanto executava a encomenda respectiva. Estes "diálogos", com muito improvisado do actor, funcionam como uma espécie de "intermezzo", com as luzes da plateia acesas, permitindo uma interacção divertida com o público.

Uma encenação magnífica para um texto magistral.

Carlos Vieira e Castro

VISEU DÃO LAFÕES DE «PORTAS ABERTAS» PARA POTENCIAR ENOTURISMO NO TERRITÓRIO



Via Rápida

QUINZENÁRIO DA REGIÃO DE VISEU

28/09/2023 • PREÇO: 0,50 € (IVA incluído)

SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS • Directora: TERESA CARDOSO • ANO XXIX • Nº 714

Autorizado a circular em invólucro fechado Despacho DE 0464 - 2005 - DCN
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



CÂMARA DE TONDELA EQUACIONA CRIAÇÃO DE MAIS UM PARQUE EMPRESARIAL NO CONCELHO



Foto: Município de Viseu / José Alfredo

MÉRITO RECONHECIDO



HOSPITAL DE VISEU IMPLEMENTA SISTEMA INTEGRADO DE ATENDIMENTO